



v. 13, n. 25, Jan./Jun. 2022 – ISSN: 2177-6342

DOSSIÊ: RACIONALIDADE E HUMANISMO

EDITORIAL

Cristiano Garotti da Silva*

Na Filosofia, a passagem de uma maneira de refletir a outra está carregada de incertezas e inexatidões. Na categoria dos conceitos, as mudanças deveriam nos impelir a um constante reexame dos delineamentos e modos de perceber a realidade. Em uma grande profusão de situações conflitivas no mundo, hoje se travam lutas entre as tradições, do mesmo modo que lutas entre as tradições e as tendências transformadoras e propositivas das mudanças. Menosprezar ou desconsiderar integralmente as heranças formuladas pela tradição firma-se como um comportamento audacioso que conduz a enormes erros e a embates inigualáveis. Por outro lado, pode-se também desprezar as tendências transformadoras. Confrontar esses pontos de vista disjuntivos por meio de reflexões nos conduz a aproveitar o melhor, tanto das heranças deixadas pelo pensamento universal, quanto das tendências transformadoras para os nossos tempos.

Preliminarmente, no âmbito das tradições, atendo-nos às fontes terminológicas, podemos descrever as aptidões da reflexão e da linguagem como faculdades expressivas da “racionalidade humana” ou, em um contexto notadamente humanístico, especificar o ser humano racional como aquele detentor das habilidades intelectuais e linguísticas distintivas do gênero humano. É notório efetivar que do sentido de “racionalidade” se depreende a utilização da razão como premissa básica, no entanto não satisfatória. A “racionalidade” implica o uso da razão como condição necessária, mas não única. Pois o sentido que se pretende refletir é o da estratégia, ou método (como caminho), aquele que demanda o uso dessas faculdades acima descritas. Todavia, destaca-se que nenhuma das faculdades enfocadas assegura a aplicação das estratégias ou do método; e só tem cabimento qualificar como racional ou irracional a atitude do ser humano, que faz uso da sua inteligência. Vale ressaltar que quanto à aplicação, a mais profícua e perspicaz das inteligências pode se remeter à irracionalidade, enquanto escolha.

Os gregos, desde os primórdios da Filosofia, foram fenomenais por inventarem um modo característico de uso da razão, tendo a racionalidade enquanto estilo cultural expressivo, arraigado ao pensamento humano, fundado sobre o discurso. Verifica-se naquele momento, nas discussões entre os filósofos, o sentido de humanidade em que se enaltece o homem diante da natureza. Esse sentido de humanidade já florescia na pólis grega, tendo o espaço público como requisito, que influenciou posteriormente todas as demais sociedades políticas e democráticas.

Importante destacar que a noção de pessoa humana e sua dignidade fora cunhada a partir do Cristianismo, efetivando-se como uma das marcas ofertadas pela Filosofia a toda a cultural

* Doutor em filosofia. Professor do departamento de filosofia da PUC Minas. E-mail: cristianogarotti@pucminas.br.

ocidental. Inicialmente, Severino Boécio salientou o estatuto racional da pessoa humana como uma substância. Se o ser humano é racional, de acordo com Boécio, é também aquilo que há de mais perfeito no Universo, conforme alusão complementar de Tomás de Aquino, na sua famosa *Summa Theologiae*. Segundo o Aquinate, os aspectos da perfeição física e espiritual do ser humano, somados ao poder da inteligência e da liberdade, acrescem à racionalidade humana caracteres filosófico-antropológicos descritivos importantes, como ponto de partida para as discussões em torno do humanismo, e que realçaram a necessidade de proteção da pessoa humana.

Posteriormente, o humanismo renascentista se efetivou como um movimento intelectual que nasceu na Itália no final do século XIV, tendo se expandido em continuidade por toda a Europa nos séculos XV e XVI. As guerras na Itália, as inúmeras viagens dos intelectuais da época, assim como a invenção da imprensa por Gutemberg foram os fatores que contribuíram para a difusão e expansão do humanismo. Este significou uma integral confiança no ser humano, sustentando-se inicialmente na interpretação do postulado sofístico de Protágoras de Abdera do homem como medida de todas as coisas. Esse movimento intelectual implicou o redescobrimto da antiguidade greco-romana, por meio do estudo dos textos clássicos originais.

Atendo-se um pouco mais sobre o humanismo renascentista, pode-se destacar que foi um movimento que focou em uma pedagogia das humanidades (*studia humanitatis*), calcada em um currículo orientado para o ensino da gramática, retórica, história, poesia e filosofia, dentre outras disciplinas, como forma de cultivar as faculdades humanas e o desenvolvimento da personalidade do aluno. O principal veículo educacional foi a literatura antiga, da qual se retiravam as mais variadas interpretações do homem, para modelar as muitas correntes humanistas que surgiram e foram se desdobrando.

No âmbito filosófico, os pensadores humanistas focavam em questionar o mundo a sua volta, indagando quais seriam o melhor governo e a conduta ideal do príncipe; além disso, argumentavam sobre a Religião e o lugar de Deus no mundo. Todavia a educação humanista se efetivou como um ideal a ser perseguido, expresso sobretudo nas filosofias de Erasmo de Rotterdam e Montaigne, que colocaram no centro dos seus pensamentos a educação e a formação humana já como um problema fundamental que deveria ser abordado.

A modernidade projetou um emaranhado de tensões, quando as antigas práticas cognitivas resistiram momentaneamente a serem descartadas por novas visões. A razão dos gregos foi reinaugurada de forma oficial na modernidade, apesar do seu resgate inicial praticado pelo humanismo renascentista. O entusiasmo racional foi expresso de muitas formas nos ambientes socioculturais, na sequência do século XVII, transformando o progresso garantido pelo contínuo desenvolvimento das forças de produção, no formato de uma tecnologia científica universal,

carregada de confiança no futuro e neutra. Por meio dos ideais de historicidade e progresso, afirmados de maneira otimista por Hegel e Comte, efetiva-se na modernidade a primazia da razão.

É um trabalho hercúleo tentar definir o termo humanismo. Mas, em apertada síntese, esse termo foi criado somente no início do XIX pelo filósofo Niethammer, com o intuito de insistir em uma formação baseada na leitura dos clássicos latinos e gregos, para a formação da personalidade do aluno, diante dos valores impingentes, advindos da ciência e da tecnologia na modernidade, que se centravam em ideais pedagógicos diferenciados, baseados no progresso. Essa construção do termo “humanismo” (*Humanismus* em Alemão) foi veiculada pela primeira vez na obra *Der Streit des Philanthropinismus und des Humanismus in der Theorie des Erziehungs-Unterrichts unserer Zeit* (*A controvérsia entre filantropismo e humanismo na teoria da instrução educacional de nosso tempo*) de Niethammer em 1808. Hoje o termo pode ressoar muitas outras variações conforme veremos. Dessa forma, desde Niethammer, verifica-se que é quase impossível falarmos somente de “humanismo”, mas devemos nos referir a “humanismos”, para fazer menção também ao estudo simples e direto sobre a educação do homem.

Na época da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789), evocando o respeito à dignidade da pessoa humana, Kant pronuncia sua máxima, com pertinente realce dos elementos éticos constituintes da pessoa humana: liberdade e independência. Assim, os seres humanos, otimistas pelos projetos coletivos iluministas prometidos, revestiram-se novamente de confiança no humanismo, aderindo a uma conjuntura civilizacional universal, pois se efetivaram esses ideais com a expansão do capitalismo, que se firmou como sistema-mundo imposto. A forte razão instrumental que condicionou o ser humano a produzir e a consumir impôs uma maneira de se relacionar com a natureza, com os outros homens e a formular novos discursos. Aparece assim uma primeira crítica forte ao uso abusivo da razão, que sufoca também ideais humanísticos, e foi denunciada de antemão pelos famosos mestres da suspeita, desmitificando o espírito otimista e o pseudoamadurecimento da racionalidade: Schopenhauer, Kierkegaard, Marx, Nietzsche e Freud (lista esta sempre aumentada pelos cânones da filosofia ocidental).

No que se refere às mudanças transformadoras, pensamento instigador de mudanças, um novo humanismo vem sendo gestado, refletido e discutido por personalidades, grandes intelectuais e pensadores, no sentido de primeiro resgatar os valores clássicos para se pensar os desafios e problemas que assolam o nosso mundo. Na construção da proposta de humanismo contemporâneo, entende-se que este deve focar não só na reflexão sobre os benefícios dos ideais científicos, enquanto expressão máxima da racionalidade, mas também destacar e abrigar um inumerável conjunto de correntes do pensamento vivo, que emerge no âmbito dessa pluralidade.

Nesse sentido, torna-se importante, por um lado, não deixar de negar um dos insolentes e desdenhosos conceitos do humanismo clássico, que centralizou o animal humano como ponto de referência de tudo que existe. Mas um novo humanismo deve ter como pressuposto cultural uma ética autônoma que tenha como fundamento os ideais democráticos, na tentativa de preservação dos direitos fundamentais da pessoa, que já foram conquistados e precisam ser mantidos. Por outro lado, a alteridade, no sentido de aceitação do outro, como diferente e livre, significa incentivar a respeitá-lo como centro de dignidade.

Vale ressaltar que é uma das funções precípuas da Filosofia, além de indagar, é traçar mapas da realidade, para que possamos enxergar as perspectivas de futuro. Os limites da ciência e das linguagens devem ser postos, imaginando-se que estes não corroborem nem falseiem o ideal transcendente, pois o ideal científico, com sua aproximação cada vez mais estranha e questionável da realidade, pode e deve contribuir para reencantar o mundo, assim como propiciar também a vivência do transcendente, diferentemente de outros momentos na humanidade, em que houve cisão. Neste momento de ultraespecialização da ciência, não mais é possível falarmos em fusão de saberes, como se vivenciava no Renascimento e em outros momentos da humanidade. O diálogo transdisciplinar e interdisciplinar, característico do pensamento complexo, é cada vez mais imprescindível e vamos apreciar nestes artigos que seguem.

No Dossiê proposto, contamos 8 (oito) artigos: *Uma breve narrativa sobre o humanismo*, do Professor Elton Vitoriano (FAJE); *Ragione e intelletto*, do Professor Paul Gilbert (PUG-Roma); *Dois humanismos: o senhor da terra e o pastor do ser*, do Professor Sérgio Luiz Bellei (UFMG); *O humanismo como resposta ética ao outro homem em Emmanuel Levinas*, do Professor Fabiano Victor Campos e do Doutorando Luiz Fernando Dias (PPGCR PUC Minas); *A encarnação de Deus: uma nova possibilidade para pensar o humano em Hegel*, do Professor Fabiano Veliq (PUC Minas); *A vocação intelectual do filósofo à luz do humanismo: uma retomada das concepções de João Batista Libânio, de Felipe Bezerra, Doutorando em Filosofia (UFRGS)*; *Entre a metafísica e as ciências do espírito: um caminho histórico na filosofia*, do Professor Gérson Pereira Filho (PUC Minas) e do Rodolfo Victor Cancio Evangelista (UNICAMP); *Filosofia packteriana como pensamento decolonial: outro modelo de humanidade*, de Kélsen Santos (CEFET/MG).

Temos ainda, nesta edição, artigos de temática livre, artigo traduzido, comunicações e resenhas. Esperamos que tenham uma boa leitura, e que a SAPERE AUDE, com mais este número, seja um subsídio marcante e propício para nossa área de conhecimento no Brasil e no exterior!